



VICÊNCIA: CENA-POEMA, RESGATE E CRIAÇÃO.

Autora: Camilla Farias Remalho¹
Orientadora: Raquel Scotti Hirson

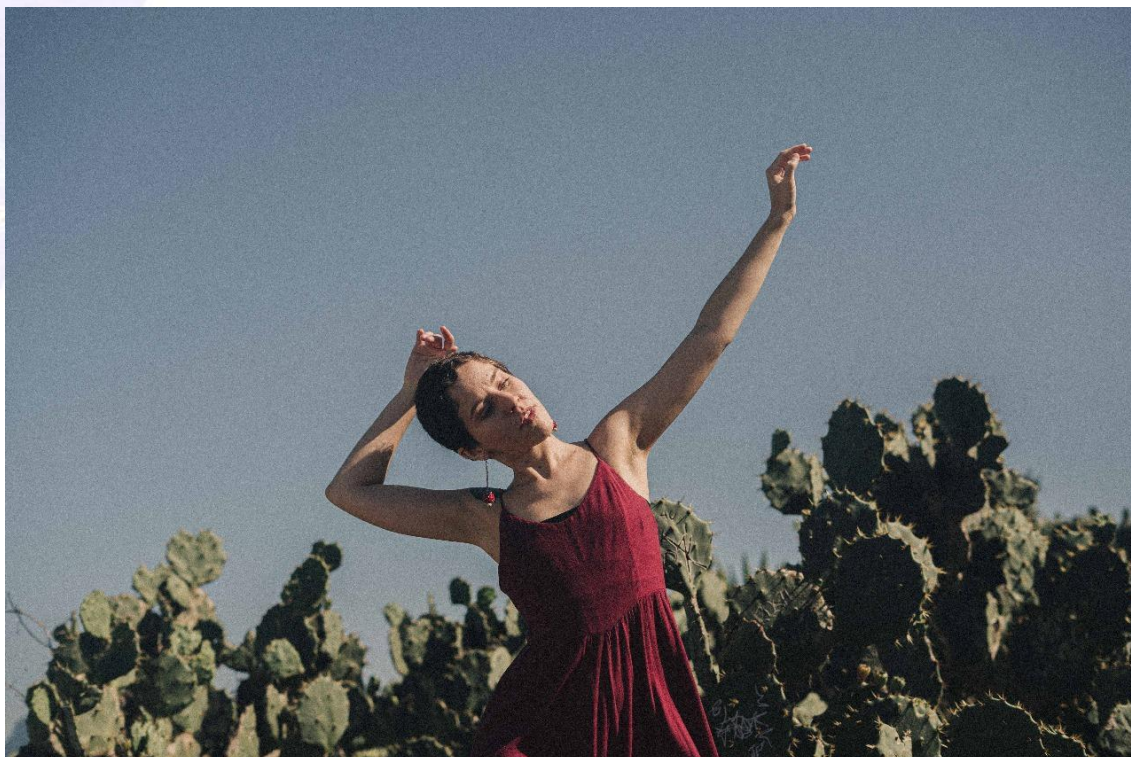
Resumo

A comunicação performativa tem como foco apresentar um trecho do trabalho cênico "*Vicência*" (peça solo em processo de montagem pela autora e atriz Camilla Farias), demonstrando alguns dos procedimentos artísticos e dispositivos criativos relacionados à sua pesquisa de doutorado sobre a *Mimesis Musical*. A partir da pesquisa com a metodologia da *Mimesis Corpórea* (criada e desenvolvida pelo grupo LUME - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais), a autora se propôs a mergulhar nas obras musicais e poéticas de artistas nordestinas previamente selecionadas, guiando oficinas formativas e experimentais com o objetivo de procurar o que as vozes destas mulheres são capazes de acordar em memória e criação.

Palavras-Chave: Mimesis Musical, Mimesis Corpórea, Cena-poema, Memória, Mulheres Nordestinas.

Inicialmente a pesquisa surgiu da criação de matrizes corpóreo-vocais que depois se transformaram em texto-dramaturgia, para só então adentrarem o espaço e o formato da cena. Mas não apenas o viés pedagógico constitui este trabalho. Houve, portanto, a necessidade de retorno ao processo de investigação individual de criação para perceber como este trabalho se acumula em camadas que tanto podem ser formativas para a pessoa atuadora participante das oficinas em questão, como também podem gerar repertórios diversos no corpo para futuras concepções cênicas.

¹ Camilla Farias é mulher nordestina. Atriz, cantora, musicista, educadora, palhaça e pesquisadora. Doutoranda em Artes da Cena pela Unicamp, integra o grupo de pesquisa *Curvas Coletivas*, junto ao núcleo de pós-graduação vinculado ao LUME Teatro. Tem como pesquisa presente em sua trajetória a linha tênue entre o teatro e a música, as sonoridades da cena, da voz e da escuta. E-mail: camilla.farias@gmail.com



1 - Fotografia pertencente à série de fotopoemas “Corpo-Canção”, realizada em parceria com a fotógrafa Helena Cooper. Rio de Janeiro-RJ, 2022. Fonte: Acervo da autora.

CENA 7

*Uma mulher e uma vitrola. Pode ser também uma mala, ou uma caixa de violão.
Liga a vitrola e começa a remexer vinis. Coloca um pra tocar. Toca.
A primeira música é uma valsa, depois um baião. Mas o vinil está arranhado e a agulha vai pulando as faixas como numa rádio antiga, tentando sintonizar em alguma.
Enquanto procura a escuta, ela vai cantando e dizendo palavras que misturam várias músicas, como se ela própria fosse a rádio, ela própria a vitrola, ainda mal sintonizada.
Finalmente, acha a estação. Começa a tocar.*

Uma voz me recomeça, vibra e narra essa história. A voz me arreбата.

Te convido a escutar agora a música “Liberdade”, de **Giovanna Farias**.

* **LINK 1**: “Liberdade” (Giovanna Farias) – audio instrumental violoncelo e voz



Seminário de Pesquisas MARIO SANTANA PPG Artes da Cena - IA - UNICAMP

A voz dela é Liberdade.

É grito lírico profundo junto de um rasgado que arranha a entranha popular visceral. Uma mulher corajosa se lança sem borda, transborda, transcende o tempo, o medo. Reconfigura o normal. O seu canto imprime as marcas e as antigas amarras de todas aquelas que já estiveram presas e conseguiram se soltar. Nessa voz também habita o feminino mais sublime que vai além da valentia. Paraíba feminina. Firmeza e dor de quem precisou se endurecer, mas nunca ressecou. A mesma casca que protege ainda guarda no peito a seiva fresca do modo mais sereno de acalanto e encanto com que se nina um bebê. Pureza, suavidade, graça. Beleza e raridade. Acima de tudo amor e por dentro de toda ela tem um ventre que pulsa em plena poesia, uma alma, coração oceano, vulcão. É voz que voa imensidão. Força da natureza quase sobrenatural. Canta com a calma de quem simplesmente é e sente o chão onde pisa, não precisa parecer. Seu canto fura, corrói, atordoia. É antídoto que rompe a loucura, reabre e renasce em fissuras de vida. Que a liberdade é um grito preso na escuridão. (RAMALHO, 2020, p.36)

*Fragmento da dramaturgia “*A Linha Vital: uma Cena-poema*”, obra autoral, 2021.

A presente comunicação performativa integra a pesquisa de doutorado iniciada em 2023 “*Cena-poema, corpo-canção: notas em percurso para a Mimesis Musical*” (com orientação da Profa. Dra. Raquel Scotti Hirson), dedicada a investigar a relação entre vocalidade, memória e criação artística a partir de narrativas e poéticas de mulheres brasileiras do Nordeste, em articulação com a metodologia de Mimesis Corpórea, desenvolvida pelo LUME - Núcleo de Pesquisas Teatrais da Unicamp. O projeto, já em andamento, compreende a voz como lugar de inscrição de experiências, gesto de continuidade e prática política de existência.

A pesquisa parte de uma pergunta central: **Como o som pode habitar o corpo e transformá-lo em cena?** Trata-se, portanto, de compreender o corpo-voz como lugar de passagem entre o real e o imaginário, entre o vivido e o inventado. Um corpo que se move entre tempos, escutas e memórias — onde a canção não é apenas objeto, mas companheira de travessia.

Busca-se investigar, em perspectiva teórico-prática, como a escuta musical pode instaurar estados de presença e modos de criação que entrelaçam memória, afetividade e corporeidade. O trabalho ancora-se na reflexão sobre o corpo-memória (HIRSON, 2012; MARTINS, 1995) e em três dimensões principais: metodológica, poética e



epistemológica. Do ponto de vista metodológico, o estudo propõe uma expansão inédita da *Mimesis Corpórea*, investigando sua aplicabilidade no campo sonoro-musical.

Na dimensão poética, a pesquisa afirma a canção como um espaço de evocação e reinvenção da memória. A escolha de repertórios compostos por obras de mulheres do Nordeste brasileiro reforça uma perspectiva decolonial e feminista, que valoriza as vozes historicamente silenciadas e propõe o reencontro com matrizes culturais de forte carga simbólica, como territórios de força e ancestralidade, capazes de mobilizar afetos e gerar dramaturgias corporais e vocais. Por fim, do ponto de vista epistemológico, o trabalho busca contribuir para o campo das artes da cena ao propor a articulação entre teoria, prática e escrita poética. Pretende-se, assim, contribuir para a ampliação dos estudos sobre a formação e o processo criativo de artistas da cena, propondo a *Mimesis Musical* como metodologia possível de criação, pedagogia e de escrita cênica.

Assim, a *Mimesis Musical* pretende investigar a escuta como gesto criador, articulando três eixos principais: a voz como campo de memória e invenção, o corpo como instrumento de escrita poética e a música como dispositivo dramatúrgico e memorial.

Entre a escuta e a voz

Iniciei meu percurso com a *Mimesis Corpórea* em 2016, quando participei da minha primeira oficina no Lume Teatro, com Raquel Scotti Hirson. Em 2017, dei continuidade a esse caminho com o ingresso no mestrado na UNIRIO (“A Linha-Vital: apontamentos para uma Cena-poema”). Ainda nesta época, comecei a compreender que a observação e a escuta são forças que atravessam o corpo antes de virarem linguagem.

A partir da escuta das canções se configurou um movimento espiral, contínuo e interdependente de sensações, emoções e ações. Essa escuta revela camadas que podem ser trabalhadas separadamente ou em sobreposição, e vão desde os timbres dos instrumentos, vozes, melodias e harmonias, até o sentido semântico das palavras.

As músicas tocam e movem os sentidos, que movem o corpo, que deságua em palavra, movimento ou ação. A palavra ganha voz-corpo, vira som, vira canto. Ecoa e reverbera memória. A memória é retroalimentada pelo corpo e devolve a ele um estado



de atemporalidade, abrindo um campo sensível e energético, criando uma realidade outra, ainda não explorada, mas estranhamente familiar, ainda que virtual. Um espaço *entre*, impregnado de presença.

A dissertação de mestrado (2020) culminou na criação de uma *dramaturgia sonora* (obra em formato de *audiopeça* com duração de 45 min) em 2021, intitulada “***A Linha Vital: uma cena-poema***” - termo que propus para nomear essa forma híbrida situada entre a poesia, a cena e a música. Um gesto poético-musical criado entre a palavra dita, a voz cantada e o movimento. Gesto itinerante de errância que o tempo todo exercita a instabilidade. “É uma ida às bordas, às vizinhanças, às linhas de potência liminar nas quais as definições inteligíveis e lógicas não alcançam mais”. (HIRSON, 2017, p. 118).

Memória enquanto duração, de um presente que se acumula num passado, e que retorna novamente presente carregado de todo o passado anterior, numa atualização do vivido no presente. A memória como detonadora de poéticas. (HIRSON, COLLA e FERRACINI, 2017, p. 115).

Durante o processo de criação de “***A Linha Vital***”, desenvolvi um diálogo constante entre *escuta e escrita*. As práticas corporais e vocais despertavam textos; e esses textos, por sua vez, reacendiam o corpo. A escrita nascia muitas vezes logo após o trabalho físico, como uma tradução sensorial da experiência corporal.

O conceito de *mimesis musical* emerge, portanto, como um desdobramento da *mimesis corpórea*. Enquanto esta se baseia na observação e transformação do corpo a partir de imagens visuais — fotografias, desenhos, esculturas ou gesto, a *mimesis musical* desloca o ponto de partida para o **campo da escuta**.

No que diz respeito à escolha de obras e materiais a serem trabalhados opto pelo recorte de autoria feminina, deixando vir à tona as vozes de mulheres criadoras do nordeste brasileiro, tanto na escolha das músicas, como na escolha dos textos literários e poéticos a serem utilizadas como impulsos criativos para a cena. Essa é uma forma encontrada de retornar e honrar origens, dando também espaço a tantas que por muito tempo permaneceram silenciadas e em constante apagamento histórico, cultural e social.

Hoje, ao retomar esse material, percebo que o meu percurso se organiza em um *movimento de montagem e desmontagem contínua*. Esse processo de desmontar não destrói o que existia, mas *gera transformações*. Ele mantém a pesquisa viva, aberta à



Seminário de Pesquisas MARIO SANTANA PPG Artes da Cena - IA - UNICAMP

escuta e à imprevisibilidade. Além disso, o encontro com as obras de mulheres que venho estudando — escritoras, compositoras, poetas — também tem modificado o rumo da criação. O contato com esses trabalhos despertou o desejo de incluir fragmentos das suas vozes que atravessam a minha própria voz.

No mestrado, eu montava — costurando textos, sons e gestos para criar uma obra. Agora, no doutorado, **desmonto essa obra**, destrinchando-a no corpo e na escuta, a fim de compreender os processos que a constituem. Esse gesto de desmontar é também um gesto de reaprender: de escutar novamente o que o canto ainda tem a dizer.



2 - Registro da apresentação de trecho do solo “*Vicência*” no Seminário Mario Santana - Unicamp, 2025.
Fonte: Acervo Pessoal. Fotografia: Natalia Mikeliunas.



Referências

HIRSON, Raquel Scotti. *Alphonsus de Guimaraens: Reconstruções da Memória e Recriações no Corpo*. Tese (Doutorado em Artes Cênicas), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, [s.n], 2012.

HIRSON, Raquel Scotti; COLLA, Ana Cristina; FERRACINI, Renato. “O Estado da Arte do Procedimento de Mimesis Corpórea do Lume”. *Urdimento*, v.2, n.29, p.112-127, 2017.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória: o reinado do rosário e os congados de Minas Gerais*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

RAMALHO, Camilla Farias. *A Linha Vital: apontamentos para uma Cena-Poema*. 2020. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, CLA, UNIRIO, Rio de Janeiro.

DISCOGRAFIA:

FARIAS, Giovanna – “Uyraplural”, Discos Vital Farias/Kuarup, CD, (2002/2013)

FARIAS, Giovanna – “Liberdade”, faixa de áudio instrumental, (2016)